

FEMINILIDADE: EXPLORANDO OS IMPASSES DO TORNAR-SE MULHER, ESTABELECIDOS NA RELAÇÃO MÃE E FILHA

FEMININITY: EXPLORING THE IMPASSE OF BECOMING WOMAN ESTABLISHED IN MOTHER AND DAUGHTER RELATIONSHIP

SIMONY ORNELLAS THOMAZINI^{1*}, ANDRÉ LUÍS SCAPIN²

1. Acadêmica do curso de graduação em Psicologia da Faculdade Ingá; 2. Mestre em Psicologia. Psicanalista. Professor na graduação de Psicologia da Faculdade Ingá.

* Avenida Brasil, 450, Centro, Nova Esperança, Paraná, Brasil. CEP: 87600-000. simonyhta@hotmail.com

Recebido em 17/07/2015. Aceito para publicação em 22/08/2015

RESUMO

Desde Freud a feminilidade é considerada como um enigma que a teoria do Édipo foi incapaz de solucionar. O impasse que Freud legou à psicanálise foi retomado por Lacan, que mostrou o falo, do ponto de vista simbólico e do gozo que o falo delimita, como uma resolução para a feminilidade, e da delimitação do gozo, um gozo não-todo fálico, a partir do qual, situa-se o feminino. Para poder ilustrar a discussão realizada sobre o feminino, é feito um recorte do filme Cisne Negro que mostra o impasse na relação mãe-filha e a dificuldade entre uma mãe que não concede a sua filha a passagem de menina para mulher. A partir dessa temática, através de uma pesquisa bibliográfica, e, portanto, uma revisão de literatura das principais obras de Freud e Lacan a respeito da sexualidade feminina, a presente pesquisa abordou um ponto fundamental para definir a feminilidade: a relação que a menina tem com a sua mãe nas primeiras fases da vida, relação esta, que coloca uma especificidade de desejo e gozo da feminilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Feminilidade; Relação mãe-filha; Castração; Gozo Outro.

ABSTRACT

Since Freud femininity is considered an enigma that the theory of the Oedipus was unable to resolve. The impasse that Freud bequeathed psychoanalysis was taken up by Lacan, showed that the phallus, the symbolic point of view and the joy that the phallus defines as a resolution to femininity, and the delimitation of joy, a non-all phallic jouissance, from which, lies the female. In order to illustrate the discussions held on the female, it is made a Black Swan movie clipping that shows the impasse in the mother-daughter relationship and the difficulty of a mother who does not give her daughter the girl of passage for women. From this theme, through a literature search, and therefore a literature review of the major works of Freud and Lacan about female sexuality, this study addressed a key point for defining femininity: the relationship the girl has with his mother in the early stages of life, a relationship that places a desire for specificity and enjoyment of femininity.

KEYWORDS: Femininity; Mother-daughter relationship; Castration; Other jouissance.

1. INTRODUÇÃO

O tema feminilidade, bem como o caminho percorrido para uma menina tornar-se mulher tem sido uma pesquisa constante na Psicanálise. Desde Freud, a sexualidade feminina era uma espécie de “continente negro” e a pergunta formulada por ele em 1931: “O que quer uma mulher?”¹ nunca foi respondida durante os seus 30 anos de pesquisa. Essa é uma questão que não fora respondida por Freud e continua sendo objeto de investigação de outros psicanalistas. Assim, o interesse pelo tema surgiu nas aulas de Psicanálise do terceiro ano de Psicologia da Faculdade Ingá (Uningá).

O objetivo do presente artigo é fazer um percurso por essa temática a partir de Freud, mas principalmente, a partir do avanço que Lacan e autores lacanianos fazem em como se constitui a feminilidade, além de, nesse processo, analisar os impasses ocorridos na relação mãe e filha, e suas possíveis interferências na feminilidade da filha.

A primeira parte do presente artigo é referente às principais obras de Freud no que concerne a temática pesquisada, bem como a dificuldade que o autor encontra para descrever o percurso da menina na construção de sua feminilidade. Esta dificuldade deriva principalmente da impossibilidade de aplicação direta do modelo masculino ao feminino, ou seja, Freud investigará e questionará a presença do pai no Édipo feminino, quando a mãe é o primeiro objeto de amor também para a menina. Assim, é na maternidade que o autor encontra a possibilidade de solução do Édipo Feminino.

A partir de uma releitura das obras de Freud, e realizando uma mudança de uma determinação genital para uma determinação simbólica redefinindo o falo e o gozo feminino, Lacan introduz o feminino a partir de sua relação com o falo, com a castração e com o desejo, além de abordar o feminino numa relação com o gozo não-todo fálico, isto é, não todo submetido a lógica fáli-

ca. Nesse contexto, é discutido o Gozo Outro abordado nas obras de Pommièr.

Num terceiro momento, a especificidade da relação mãe e filha são abordadas segundo a autora Malvine Zalcberg que, percorrendo as obras de Freud e Lacan, busca grandes contribuições sobre a feminilidade da filha, pouco discutida na literatura psicanalítica.

Por último, é feito um recorte do filme “Cisne Negro” para ilustrar a teoria discutida. Ele revela o processo de feminilização da personagem e bailarina Nina, obra cinematográfica que contribui como um material complementar e ilustrativo ao que propõe a presente pesquisa.

Nesse sentido, a pesquisa é voltada à profissionais de psicologia, bem como a estudantes que procuram saber mais a respeito da constituição do feminino e do legado deixado por Freud à psicanálise sobre a temática da feminilidade, que sofreu avanços por parte de Lacan e foi retomado por autores lacanianos.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa baseou-se no levantamento bibliográfico acerca do tema proposto. Como o mesmo é uma pesquisa bibliográfica, teve-se embasamento nas leituras de (Marconi e Lakatos, 2006)², possibilitando uma melhor compreensão de como proceder na pesquisa.

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc; até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisual: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas quer gravadas. (LAKATOS, MARCONI, 2006, p. 71)²

Assim, realizou-se o levantamento de dados através do que foi encontrado na literatura existente a respeito da temática proposta, bem como para a discussão do filme, trazido como material ilustrativo e complementar a pesquisa. Foram utilizadas as principais obras de Freud e Lacan a respeito da sexualidade feminina, autores lacanianos como Gerad Pommièr e Malvine Zalcberg, e artigos científicos e revistas eletrônicas conceituadas.

3. DESENVOLVIMENTO

Feminilidade a partir de Freud

A especificidade do feminino nas obras de Freud remonta a certa obscuridade como ele mesmo afirmou na obra “Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade” (1996/1905, p.152)³: “a vida sexual dos homens somente se tornou acessível à pesquisa. A das mulheres ainda se

encontra mergulhada em impenetrável obscuridade”. Já nessa obra, Freud nos diz que o órgão principal é o clitóris, portanto, de caráter masculino. Porém, observa-se que Freud, desde 1897, em suas primeiras cartas a W.Fliess⁴, escreve sobre a teoria do recalque dizendo que a principal diferença entre os sexos surge justamente nessa época da puberdade mencionada por ele em 1905.³

Dito isto, Freud, em seu estudo das “Teorias Sexuais das Crianças” (1996/1908)⁵, revela a inveja que a menina tem do pênis e o complexo de castração. Por outro lado, quando descreve a ‘fase fálica’ no artigo, A Organização Genital Infantil (1996/1923)⁶, o autor escreve: “infelizmente, podemos descrever esse estado de coisas apenas no ponto em que afeta a criança do sexo masculino; os processos correspondentes na menina não conhecemos”. (FREUD, 1996/1923, p. 298)⁶

Nesse sentido, a teoria freudiana avança, quando em 1931, na obra “Sexualidade Feminina”, Freud revela que o desenvolvimento da sexualidade feminina é complexa devido à tarefa de ter que abandonar o que constituiu como sua principal zona genital, o clitóris, para dar lugar à outra, nova, a vagina. Existe uma segunda alteração de igual ou maior importância que consiste no fato da menina fazer uma troca de seu objeto original - a mãe - pelo pai.¹ Assim, Freud (1996/1931, p.233)¹ pontua que:

Dois fatos, sobretudo me impressionaram. O primeiro foi o de que onde a ligação da mulher com o pai era particularmente intensa, a análise mostrava que essa ligação fora precedida por uma fase de ligação exclusiva à mãe. Igualmente intensa e apaixonada. Com exceção da mudança de seu objeto amoroso, a segunda fase mal acrescentaria algum aspecto novo à sua vida erótica. Sua relação primária com a mãe fora construída de maneira muito rica e multiplicada. O segundo fato ensinou-me que a duração dessa ligação também fora grandemente subestimada.

Freud, em 1925, na obra “Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os sexos”⁷, nos diz que é pelo fato da menina constatar que é privada do pênis, como sua mãe, que ela a rejeita com ódio e entra no Édipo para voltar-se ao pai, para o qual pede o pênis. Nesse sentido, Freud (1996/1931)¹ diz que o primeiro objeto de uma mulher também é a mãe. Ao final de seu desenvolvimento, porém, seu pai, deveria se tornar seu novo objeto amoroso.

Ainda segundo Freud (1996/1931)¹, há outra diferença no Complexo de Édipo entre os sexos masculino e feminino. A mulher reconhece a sua castração e a superioridade do homem, o que a faz crer em sua própria inferioridade, mas se rebela contra esse fato indesejável. Disso abrem-se três linhas de desenvolvimento. A primeira leva-a a um receio sobre a sua sexualidade: a menina assusta-se quando acontece a comparação com os meninos e cresce insatisfeita com seu clitóris abandonando sua sexualidade em geral. A segunda linha leva-a numa busca desenfreada pela sua masculinidade amea-

çada. Até certa idade tardia acredita que conseguirá um pênis e isso se torna o objetivo de sua vida. Esse “complexo de masculinidade” descrito por Freud, pode se resultar numa escolha de objeto sexual homossexual podendo ser modificado apenas se a menina seguir a terceira linha que tem o pai como seu objeto, onde assume a sua forma feminina do Complexo de Édipo. Dessa forma, o Complexo de Édipo nas mulheres representa um resultado final de um desenvolvimento bastante demorado.

A chamada fase pré-ediapiana, de acordo com Freud (1996/1931)¹, assume um papel extremamente importante na vida das mulheres, devido à ligação exclusiva com a mãe. Freud diz que no final da primeira fase de ligação à mãe, o fato principal para que a menina se afaste dela, é por censurá-la de que não deu a ela um pênis apropriado, ou seja, tê-la trazido ao mundo como mulher, pois a menina descobre sua própria deficiência, por ver um órgão genital masculino e aceita de forma desagradável esse conhecimento. Uma segunda censura, é a fantasia de que a sua mãe não lhe amamentou o suficiente, e isso é sentido por ela como falta de amor, de acordo com Freud (1996/1932)⁸.

É importante salientar que no momento inicial de elaboração da questão de separação da menina de sua mãe, o motivo desse afastamento deriva do fato do que Freud escreveu na obra “Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os sexos”⁷ de 1925, na qual diz que a mãe colocou a menina ao mundo tão pouco aparelhada, isto é, sem pênis e apenas em 1931, em “Sexualidade Feminina” Freud é mais enfático e diz que a menina ressent-se de tê-la trazida ao mundo como mulher.

Assim, os motivos que seguem para o afastamento da mãe descritos por Freud (1996/1931)¹ se demonstram insuficientes para justificar a hostilidade final da menina em relação à mãe. Ainda segundo o autor, o motivo real parece ser devido à primeira ligação intensa que a menina teve com a mesma.

Com tal efeito, faz-se a pergunta: “O que é que a menina exige da mãe? Qual é a natureza de seus objetivos sexuais durante a época da ligação exclusiva à mãe?” (FREUD, 1996/1931 p. 144)¹. Posto isto, os objetivos sexuais relacionados à mãe são tantos passivos quanto ativos, determinados de acordo com as fases as quais a criança passa. É importante salientar, quando uma criança recebe uma impressão passiva, ela tende a reproduzir uma reação ativa, ou seja, faz ela mesma o que acabou de ser feito com ela. Há, portanto, uma revolta contra a passividade e a preferência pelo papel ativo.¹

O afastamento da criança e sua mãe é, segundo Freud (1996/1931)¹, um fato extremamente importante para o desenvolvimento de uma menina, pois é mais do que uma simples mudança de objeto. Quando a menina, en-

tão movida pela passividade, volta-se para o seu pai, ela realiza tal atitude com o auxílio de moções pulsionais passivas, na qual retira-se a atividade fálica e se prepara para o caminho da feminilidade (FREUD, 1996/1932)⁸.

No dizer de Freud (1996/1932)⁸, com o desejo que transfere para o pai, isto é, um pênis-bebê, a menina inicia o seu complexo de Édipo. A hostilidade contra sua mãe tende a se intensificar ainda mais, pois a mesma se torna rival da menina, rival esta, que recebe do pai, tudo o que dele deseja.

Posto isto, a mulher identifica-se com a sua mãe a partir de duas camadas: a pré-ediapiana, envolta por uma vinculação afetiva com a mãe tomada como modelo, e a camada subsequente, advinda do complexo de Édipo na qual elimina-se a mãe para poder juntar-se ao pai. Segundo o autor, nenhuma das duas é superada no curso do desenvolvimento (FREUD, 1996/1932)⁸.

Nesse sentido, Freud (1996/1932)⁸ encerra sua conferência nos dizendo que esteve apenas descrevendo as mulheres em sua natureza, ou seja, sua função sexual. E se quisermos saber mais a respeito da feminilidade é necessário que indagemos nossas próprias experiências ou façamos uma consulta aos poetas, ou ainda, que posamos aguardar até que a ciência psicanalítica nos dê informações mais profundas e coerentes sobre o tema.

3.2 Feminilidade a partir de Lacan

Lacan retomou as questões levantadas sobre o feminino e o fez de maneira criteriosa a partir de dois momentos. Nos artigos do primeiro momento, dentre eles, “A menina e o falo”, Lacan nos diz que o falo na doutrina freudiana não é uma fantasia, um objeto parcial e muito menos o órgão (pênis ou clitóris), mas sim, que “[...] o falo intervém como significante.” (LACAN, 1999/1958, p. 290)⁹, o qual permite aos outros objetos a possibilidade de se comportarem como equivalentes na ordem do desejo, inseridos no registro da castração.

Com efeito, o órgão clitoridiano dos primeiros prazeres ligados a masturbação pode fornecer o começo da fantasia fálica que desempenha o papel decisivo do qual nos fala Freud. E é justamente isso que ele sublinha: a fase fálica é uma fase fálica clitoridiana, o pênis fantasístico é um exagero do pequeno pênis que está efetivamente presente na anatomia feminina. (LACAN, 1999/1958, p. 287)⁹.

Percebe-se nesse seminário 5, no artigo referente a “Menina e o falo”⁹ que Lacan aborda a questão da inveja do pênis nas mulheres através de três modalidades distintas e buscando descrever a experiência do falo e da castração apreendida nos três registros. Num primeiro momento a inveja é no sentido da fantasia. No segundo momento, o desejo é de ter o pênis do pai e quando se depara com a realidade, o desejo é frustrado pela proibição do incesto e pela impossibilidade fisiológica e, por fim, no terceiro momento aparece o desejo de ter um

filho do pai, ou seja, possuir um pênis sob a forma simbólica de um filho. (FABBRO, 2014)¹⁰

Uma privação é absolutamente real, embora se refira a Um objeto simbólico. Na verdade, quando a menina não tem um filho do pai, a questão nunca seria, afinal, que ela o tivesse. Ela é incapaz de tê-lo. O filho aliás, só existe aí como um símbolo, e símbolo, precisamente, daquilo em que ela é realmente frustrada. E a título de privação, portanto, que o desejo de um filho do pai intervém num momento da evolução. (LACAN, 1999/1958, p. 289)⁹.

A privação é no sentido da menina desejar ter um filho do pai, porém, estar impedida, assim, a privação se refere a um objeto simbólico, mas ela é real⁹.

Ainda segundo Lacan (1958)¹¹, em seu texto “Os Três Tempos do Édipo”, o autor revela que a criança compreende que o desejo da mãe visa o falo, e por isso a criança vai se fazer de falo, isto é, poder se tornar objeto de desejo e satisfação da mãe. Este fato se refere ao primeiro tempo do Édipo, onde a lei a que a criança está submetida é a da mãe, na qual é regida pelo seu desejo e seu gozo. (LACAN, 1999/1958)¹¹. O segundo tempo do Édipo é o momento em que a criança não mais se identifica ao falo, já que o pai entra como aquele que priva/castra a mãe de seu objeto de amor, a criança/falo. Será este tempo, de suma importância para que “[...] de um lado, o menino se transforme num homem e do outro a menina se transforme em mulher” (LACAN, 1999/1958, p.192)¹¹.

De acordo com Lacan (1958/1999)¹² em seu texto, “Metáfora Paterna”, no caso da menina, o complexo de castração não lhe é ameaçador, ou seja, a menina não teme perder aquilo que não tem. Por essa razão, o complexo de castração não tem a força de afastar esse Outro materno por inteiro. Nesse sentido, não existe um significante propriamente feminino que faça com que o sujeito ocupe o seu lugar de mulher. A mãe também não carrega o símbolo fálico e por isso, fica impossibilitada de significar para a menina o que é uma mulher (FABBRO, 2014)¹⁰.

A partir do segundo momento de sua teoria a respeito da sexualidade feminina, no texto intitulado “Diretrizes para um Congresso sobre a Sexualidade Feminina” (1958)¹³, Lacan vai nos dizer que existe um Outro gozo próprio do feminino e que nesse sentido, é não-todo mediado pelo falo. Nesse momento da literatura lacaniana há um avanço em relação a Freud, pois este postula que a maternidade é o ponto de evolução sexual, enquanto para Lacan não, isto é, a maternidade nada tem a ver com o falo. Dessa forma, para Lacan (1972-1973/1985)¹⁴, a mulher é não-toda regida pela lógica fálica, a qual não lhe é própria, pois, uma parte da sexualidade feminina é um além da função fálica, pois teria como correlato um gozo Outro, que não o dito sexual.

Feminilidade e O Gozo Outro

Segundo Pommièr (1991)¹⁵ a mulher, para se definir como tal, precisa ir para além do falo, pois este organiza a sexualidade masculina. Também não pode se identificar à mãe, a qual é fálica. Nesse sentido, de acordo com o autor, a feminilidade teria que ultrapassar o que vem a partir do falo, no entanto, a sexualidade só encontra a significação a partir deste falo, pois ele é o significante sexual. Dessa maneira, a mulher, ao ir para além do falo, passa por uma carência identificatória, isto é, uma falta de significante próprio da feminilidade.

Dito isto, Pommièr (1992)¹⁶ comenta uma tradição cultivada na nossa sociedade referente à adoção do sobrenome do marido pela mulher após o casamento, e como isso é necessário ao feminino, pois simboliza o abandono do falo, ou seja, o abandono da significação que o pai fornece a menina. Segundo o autor, quando a menina abandona o sobrenome paterno, o feminino goza para além da proibição que o nome e a lei paterna impõem, de maneira que o corpo goza sem a culpa do incesto. Nesse sentido, a mulher não está submetida por inteiro à castração e seu gozo é um gozo a mais para além da significação fálica. Com isso, Pommièr afirma que ao perder o nome do pai tem-se o acesso à sexualidade feminina.

É unicamente à insuficiência paterna que a questão do gozo do corpo pode se colocar, já que um pai se fosse realmente onipotente na terra (e não no céu, onde ele habita, para sumo benefício do gozo) poderia ter a pretensão de proibir totalmente o incesto e o exercício da sexualidade que vem em seguida a ele. Assim, a questão da perda do nome paterno finalmente ganha sentido, não apenas em relação à identidade, não apenas em relação à sexuação, mas em relação ao gozo. (POMMIÈR, 1992, p. 22)¹⁶.

Ainda segundo o autor, para ingressar neste tipo de gozo do corpo ou gozo Outro, a mulher precisa ultrapassar o gozo fálico, colocando-se numa posição de passividade, como objeto do gozo.

Assim, como a feminilidade se caracteriza em um para além da significação fálica, Pommièr (1991)¹⁵ nos fala sobre um vazio de identidade, isto é, quando a mulher se constitui, ela não se identifica com a mãe, nem com ninguém, o que a faz se situar num vazio de identidade representando a falta. Nesse sentido, ela busca constantemente essa identificação no desejo do Outro. Podemos citar o conceito de mascarada de Lacan (1958)¹³, de maneira que aqui, a mulher sendo falta, mascara-se de falo atraindo o Outro que irá preencher um pouco o vazio dessa identidade mencionada por Pommièr.

A importância da relação mãe e filha para uma mulher

De acordo com Zalberg (2003)¹⁷ Freud passou os últimos anos de sua obra não mais procurando entender o que quer uma mulher, mas sim, em se perguntar, por

que a menina possui tantas dificuldades para se separar da mãe.

Posto isto, Lacan no texto: “A significação do falo”, situa a mãe como o primeiro agente de privação da menina, o pai, vindo em segundo. Assim, Lacan nos fala sobre a dificuldade que a menina tem em aceitar que a mãe não pode oferecer a ela um símbolo de sua significação feminina, pois ele é inexistente. (ZALCBERG, 2003)¹⁷

A partir do texto “De uma questão preliminar”, do livro, “Escritos” de Lacan, a autora nos diz que muito da estrutura da filha dependerá de como a mãe lida com a falta de resposta de sua especificidade feminina, pois também é marcada pela falta de significante de seu sexo. Em função disso, a mãe reserva um lugar para a palavra do pai da criança e a mesma deve encontrar o pai na palavra da mãe, pois disso depende sua estruturação subjetiva. (ZALCBERG, 2003)¹⁷

Assim, ao passar pelo Édipo a menina recebe do pai uma identificação viril que lhe estrutura como sujeito, no entanto, não lhe fornece uma identificação especificamente feminina. É a mãe que mostra à filha que encontrou uma forma de lidar com a difícil questão da ausência de um significante para o sexo feminino. Essa questão é melhor vivenciada na relação mãe-filha quando a mãe vive a “sua falha constitutiva de forma serena e criativa”. (ZALCBERG, 2003, p. 115)¹⁷

Dessa forma, Lacan nos ensina que é para a mãe que a menina se volta para que elabore os vínculos que se prendem a mesma, uma vez que ambas tem uma parte inserida no campo do mais-além do falo: campo da especificidade feminina. De acordo com Zalcberg (2003)¹⁷, devido a semelhança de seus corpos, surge em ambas outra ilusão: “a de uma experiência similar de gozo” (p.155)¹⁷.

Com tal efeito, a autora diz que “ao chegar a um acordo com o seu próprio corpo de mulher, a mãe traça um percurso de feminilidade para a filha abraçar mais tarde. É o que abre o caminho para a filha tornar-se mulher ela mesma” (ZALCBERG, 2003, p.200)¹⁷. Assim, é através do processo de separação de uma mãe para com a sua filha que ela adquire a substância para si mesma. Dessa forma, Lacan nos ensina que a mulher faz “da solidão o seu parceiro”, isto é, a solidão vem no sentido de poder ser ela mesma, o que leva então, uma mulher à liberdade e a menina tornar-se mulher. Nesse sentido, existe um paradoxo nessa relação, uma vez que é a separação de corpos e de sexualidade entre mãe e filha, o que mais aproxima uma da outra.

Análise do filme Cisne Negro

No filme Cisne Negro dirigido por Darren Aronofsky, do ano de 2011, podemos perceber o desmoronamento psíquico da personagem e bailarina Nina (Natalie Portman). Sua mãe, Erica, (Barbara Hershey) também baila-

rina no passado, projeta na filha seus anseios narcísicos de bailarina frustrada. Assim, a mãe mantém a filha refém de uma infância eternizada e não concede à filha a passagem de menina para mulher. (ZALCBERG, 2011)¹⁸

A filha precisa saber qual a solução encontrada pela mãe para tornar-se mulher, “que em sua forma mais feminina se expressa pela vontade de despertar o desejo de um homem”. (ZALCBERG, 2011, p.02)¹⁸

No entanto, o desejo de Erica dita o destino sexual da filha, bem como regula a sua vida. Manter a filha presa a uma infância eternizada, com brinquedos, caixinhas de música e bichinhos de pelúcia é barrar qualquer acesso da filha ao campo da sexualidade feminina.¹⁸

Se a devoção ao balé representa, por um lado, a prisão onde a fantasia materna a mantém encerrada, é, por outro, onde ela encontra, através de seu corpo exercitado à exaustão, um senso de existência. Esse mais que ela busca não é só a perfeição na dança – uma realidade do próprio balé –, mas também uma garantia de integridade de um corpo que ela vive como ameaçado de diluir-se no vazio ou de ser (re)absorvido pelo corpo materno. O balé não é o que ela faz, mas o que ela é. (ZALCBERG, 2011, p.03)¹⁸.

De acordo com a autora, Thomas (Vincent Cassel), diretor artístico, ao querer que Nina desempenhe o papel de Cisne Negro, rompe o equilíbrio da garota frágil, pois para isso precisa que Nina torne-se uma mulher desejável e exiba sua sensualidade feminina, papel esse, que Lily (Milla Kunis) outra bailarina, porém, mais despojada e tida por Nina como rival pois, corresponde a qualidade feminina exigida por Thomas¹⁸.

Nina encanta-se com o corpo erótico exibido por Lily e tem sonhos com a mesma, numa busca desenfreada de ter acesso, (o que é impossível na realidade) ao significante específico da feminilidade, inexistente, e que sua mãe não soube zelar. (ZALCBERG, 2011)¹⁸.

É pela presença desse corpo da Outra mulher, que torna-se persecutório e ameaçador, pois ela poderia vir a ocupar seu lugar, que Nina dá início aos delírios de perseguição e em consequência, perde a sua identidade. Assim, dá-se início a busca de libertação da infância jogando fora bichinhos de pelúcia ou fechando a porta para a sua mãe. Quando sua mãe pergunta para onde foi a sua “menininha meiga”, Nina responde que ela se foi, porém, não há substituições, de menina, Nina foi para o nada.¹⁸

Lily é uma mulher que se solta sem se perder, ao passo que Nina, solta-se e se perde.

Como Jacques Lacan nos ensinou, esses três registros da estrutura do psiquismo – simbólico, imaginário e real – devem estar enodados para que o sujeito possa dar conta da realidade. O que se solta em Nina é essa amarração entre os três níveis de estruturação psíquica, deixando-a entregue ao imperativo do excesso do gozo e do domínio das pulsões – o que seus atos de mutila-

ção de seu corpo já prenunciavam. (ZALCBERG, 2011, p.04)¹⁸.

Nina sem as amarras nos registros simbólico, imaginário e real, sem uma identificação feminina que a sustente, salta como recomendou Thomas, ao “apelo do abismo” como nomeia Zalcborg (2011)¹⁸, porém, não há âncoras para a sua existência, ficando então, a deriva de um gozo aberto para o infinito. Assim, “Nina dança à perfeição a perda de si mesma” (p. 04)¹⁸.

4. CONCLUSÃO

Sob a ótica freudiana, vimos que a feminilidade não nasce com a mulher, mas cabe a ela tornar-se feminina. A partir disso, Freud constatou a construção da feminilidade a partir da fase pré-edípica e a fase edípica, sendo nesse processo imprescindível a relação entre mãe e filha.

O ensino de Lacan é de grande valor para a psicanálise, pois contribuiu como um avanço no estudo da feminilidade. Lacan teoriza um mais-além do falo, de maneira que o feminino ultrapassa a maternidade, e como não existe um significante próprio para o mesmo, a menina terá de procurar a saída do Édipo junto à mãe por meio de uma identificação feminina, pois, devido a função do resto que a metáfora paterna deixa no Édipo feminino, a mulher teria uma propensão maior para ficar suspensa no olhar do Outro, isto é, do registro da satisfação que a mãe obtém com a filha, dependerá a elaboração de sua feminilidade, uma vez que esta, é criada por cada mulher.¹⁷

Nesse sentido, vimos desde Freud, passando por Lacan, Pommièr e com Zalcborg (2003)¹⁷ que o movimento de separação da mãe é algo doloroso para a filha, pois a mesma depende dela para o investimento da sua imagem corporal e a aceitação e o reconhecimento de seu corpo, para que ela possa percorrer o caminho de suportar a sua falta de uma identificação feminina, que nunca será preenchida, mas que estará em contínua construção.

Como um dos objetivos dessa pesquisa foi discutir a temática da feminilidade principalmente a partir de autores lacanianos, vimos também com Gerard Pommièr que a questão do feminino é tratada a partir da problemática com o falo, precisando ir além da significação fálica para encontrar o “gozo Outro”, o qual traz a especificidade do feminino.

Dessa forma, na especificidade da relação mãe-filha e as interferências na feminilidade da filha, principal problema aqui pesquisado, a questão da feminilidade da mãe e filha deverá ser resolvida de maneira singular, onde cada uma terá acesso ao seu próprio corpo e ao seu próprio gozo.

Em relação ao filme *Cisne Negro*, este foi analisado em virtude do processo de feminilização da personagem e bailarina Nina, pautando-se no referencial teórico discutido. Assim, percebemos a dificuldade que Nina de-

monstrava em separar-se de sua mãe e de sua infância eternizada pela mesma. Ao interpretar o *Cisne Negro*, que requer uma mulher e não uma menina, sentiu a necessidade de impor uma falta à mãe, falta esta, que coincidiu com a sua morte no desfecho do filme, numa passagem ao ato chamado por ela de “perfeito”. Como Nina não tinha como apoiar a sua existência, ela salta, numa última cena do filme, de menina a nada, isto é, a perda de si mesma.

Assim, foi possível analisar a especificidade da relação mãe e filha de maneira a contribuir não somente para a literatura psicanalítica, pois o tema é pouco discutido na mesma, como também à prática psicanalítica. Como vimos, cabe a cada mulher solucionar de maneira criativa a falta de um significante próprio do feminino, e esse processo dependerá de como a mãe zela a sua falta de uma identificação feminina para poder ajudar e conceder a sua filha, a passagem de menina à mulher.

REFERÊNCIAS

- [1] Freud, S. (1931). Sexualidade Feminina. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- [2] Lakatos, E; Marconi, M, A. Fundamentos de Metodologia Científica. São Paulo: Atlas, 2003.
- [3] Freud, S. (1905). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- [4] Freud, S. (1897). Carta 75 a Wilhelm Fliess. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol.I, Rio de Janeiro: Imago,1996.
- [5] Freud, S. (1908). Teoria Sexual das Crianças. In : Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- [6] Freud, S. (1923). A Organização Genital Infantil. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- [7] Freud, S. (1925). Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os sexos. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- [8] Freud, S. (1932). Feminilidade. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- [9] Lacan, J. (1957-1958). A menina e o falo. In: Seminário 5: As formações do Inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- [10] Fabbro, L,B,D. Tornar-se mulher. O caminho para a feminilidade: De Freud a Lacan. Clínica Lacaniana de Atendimento e Pesquisas em Psicanálise, Curso de Psicanálise. São Paulo, 2014. Disponível em: http://clipp.org.br/arquivos/monografia_lygia.pdf. Acesso em: 12 de março de 2015.
- [11] Lacan, J. (1957-1958). Os Três Tempos do Édipo. In: Seminário 5: As formações do Inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- [12] Lacan, J.(1957-1958). A Metáfora Paterna. In: Seminário 5: As formações do Inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge

Zahar, 1999.

- [13] Lacan, J. (1958). Diretrizes para um Congresso sobre a Sexualidade Feminina. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- [14] Lacan, J. (1972-1973). Do Gozo. In: Seminário 20: Mais, Ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- [15] Pommier, G. A exceção feminina: os impasses do gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- [16] _____. A ordem sexual: perversão, desejo e gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- [17] Zalberg, M. A relação mãe e filha. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- [18] _____. Cisne Negro: perdendo-se na perfeição. Opção Lacaniana Online. Rio de Janeiro, n.04, p. 01-04, mar/2011. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_4/Cisne_negro_Perdendo-se_na_perfeicao.pdf. Acesso em: 23 de agosto de 2014.

